

Crônica

Minha avó uma italiana às avessas

Lucia Medina Pupo

Passei algumas férias com meu irmão, na casa de meus avós maternos, em Bauru. Era uma delícia, subia nas mangueiras, passeava, ela fazia bolachas de aveia, uma perdição!

Como meu aniversário é nas férias, ela fazia uma festinha, convidava as pessoas da família e amigas e, depois da festa, ficava contabilizando os presentes, ou seja, quem deu o quê...

Uma vez fez uma permanente em meu cabelo ralo, que meus pais não gostaram, nem eu. E ainda me levou ao fotógrafo para tirar uma foto, com os pés cruzados e segurando a ponta do vestido de babado.



Quando vinha a São Paulo nos visitar, eu e meu irmão “voávamos” em sua cesta de vime com duas abas para ver o que tinha trazido: balas, “biscoitos de vento”, como chamávamos os de polvilho, mangas quando era época, e tecidos para fazer roupas.

Tudo mudou de figura quando fui viver com ela, após a separação de meus pais. Vivi com minha avó de 11 aos 17 anos completos (1954 a 1960). Quase não via meus pais. A minha mãe me visitava por poucos dias a cada 4-5 meses, e o meu pai, radio telegrafista da antiga VASP, poucas vezes no ano, quando o voo passava por Bauru. Meu irmão, seis anos mais velho, ficou morando com ele em São Paulo e eu o via muito pouco.

Minha avó era brava, não era de afagos, dar colo, exigia que a respeitassem. Não gostava de tratamentos íntimos como “bem” ou “querida”. Quando resolvia discutir com meu avô, ele que era sério, mas afável, pegava o velho chapéu na chapeleira, pendurava o guarda-chuva no braço e saía para visitar os vários irmãos na cidade. Voltava à tarde, quando a raiva de minha avó já havia passado.

Sei que gostava de mim, mas era possessiva e ciumenta, não permitia que trouxesse nenhuma amiga para brincar no imenso quintal, onde havia quatro enormes pés de manga, mexerica, laranja e outras frutas. Só eram admitidos no quintal os sobrinhos-netos de Americana que vinham visitá-la de vez em quando.

Aos domingos, era uma “guerra” quando pedia para ir à matinê com as meninas ver o seriado do Tarzan num cinema próximo. Várias vezes fechava a casa para eu não sair.

Vendia roupas e tudo o que pudesse: as mangas, os ovos das galinhas do quintal, os próprios presentes que as filhas lhe davam, e não escondia, dizendo: “Ah, já tinha usado e alguém gostou tanto”, ou “não gostei e vendi”. Muito sincera.

Como a maior parte da família de meu avô era católica fervorosa, ela detestava igreja, dizia-se espírita. De vez em quando promovia uma reunião em casa, a que chamava de “mesa branca”.

Aprendi que quando colocava um grande relógio de pulseira elástica no braço era sinal que iria viajar para vender ou receber das freguesas de Agudos, Piratininga e outras cidades próximas. Eu teria a tarde livre para chamar minhas amigas e brincar! Liberdade!

Uma delas, como eu, gostava de brincadeiras mais arrojadas, não consideradas femininas para os anos 50, como subir na grande mangueira e colocar uma corda para fazer um balanço bem na ponta, escalar o galho mais alto e chamar as vizinhas, os paqueras, olhar a cidade, ler ou estudar nas alturas, acertar os mamões da casa ao lado com estilingue e nos escondermos num enorme latão de ferro que deixávamos deitado, brincar com bolinhas de gude ou “búricas”, como chamávamos, entre outras.

Quando nos esquecíamos da hora, minha avó chegava e de longe na grade que cercava o quintal, se punha a gritar, esbravejando contra minha amiga, que corria, fugindo pela cerca de arame farpado. Eu me escondia subindo na mangueira.

Quando fazia algo que não gostava, era terrível! Saía correndo com a pá de sabão para me acertar. Eu era ágil e escalava a mangueira como ninguém. Lá debaixo ela atirava pedras, que voltavam ao bater nos galhos, fazendo-a desviar a cabeça. Só descia quando as galinhas já tinham ido dormir. Elas se empoleiravam nos galhos mais baixos da mangueira e, ao passar por elas, era aquela gritaria, atirando-se ao chão.

Descobri que poderia sair de casa para fazer cursos: piano, taquigrafia, datilografia; entrei no clube de francês da escola, tinha um correspondente em Paris, era da equipe de basquete e voleibol do colégio, disputava campeonatos até fora da cidade.

Com isso recebi diplomas, livros de presente, medalhas, guardei as cartas do jovem francês e as bolas de gude. Faltou dizer dos “saquinhos” cheios de areia para brincar com as mãos, hoje vendidos como brinquedo pedagógico.

Eles compõem hoje a minha cesta de objetos biográficos, fonte de memórias, tesouros do meu passado, que me dão orgulho, saudades e me fazem rir;

ajudam não só a reviver, mas a reconstruir nossa história, como nos ensina Ecléa Bosi.

Ao buscar e acumular atividades para sair durante a semana fui, sem perceber, construindo minha identidade e independência.

Minha avó era ingênua: certa vez, desesperada com as saúvas que comiam o abacateiro, eu a vi comprando das mãos de alguém um pacotinho com terra e uma tal qualidade de formigas que comeriam as saúvas. Sim, ela comprou outras formigas e colocou-as no pé de abacate...

E tinha suas manias: fazia sabão caseiro num enorme tacho, com fogo à lenha, mexendo com a pá que usava para correr atrás de mim. Dividia-o em pedaços e usava na cozinha e tanque. O sabão virava uma pedra escura e era mais difícil tirar a marca que deixava do que a sujeira da roupa.

Era das poucas pessoas da cidade que possuíam telefone, e quando resolvia fazer compra no único supermercado, pegava o aparelho e dizia: “Telefonista, aqui é Luiza Mattiazzo; me liga no Júlio Meca”, ou, “quero falar com minha cunhada Agostinha”. Era o suficiente, todos se conheciam.

Outra mania: cozinhava num fogão elétrico, dado por uma freguesa em troca de dívida. O fogão só funcionava uma parte e, por economia, ela só usava uma chapa. Quando eu chegava da escola e com fome, mal tinha colocado a água para ferver, fazendo uma pilha: a água embaixo, a frigideira e mais outra coisa por cima. O simples almoço ficava pronto depois das duas da tarde, e não me esqueço do bife cozido temperado com alecrim.

Ao contrário das mamãs italianas, famosas pelos molhos e pastas, ela não gostava de cozinhar. À tarde, invariavelmente, uma sopa de feijão e, de vez em quando, aos finais de semana, uma pizza de massa bem grossa com sardinha, ou macarrão com a mesma sardinha salgada de barrica. Eu odiava tudo aquilo. Ela se deitava tarde, e na época de mangas não ia dormir enquanto não chupasse muitas de uma baciada ou comesse um razoável pedaço de melancia com vinho. E nunca se levantava antes das nove ou nove e meia.

As famosas bolachas de aveia que fazia me deixava experimentá-las, mas o restante escondia para as visitas.

Quando seus sobrinhos queridos chegavam, ela os recebia do balcão da área e dizia: “Mas que surpresa...”. A surpresa com “s” vinha acompanhada de seu desapontamento, pois eles iam direto à geladeira, onde só havia uma grande tigela de feijão.

Era analfabeta, mas não se perdia em São Paulo ao fazer compras no Brás e Bom Retiro; sabia os números de bondes e ônibus e seus trajetos, e sabia as contas. Acompanhei-a muitas vezes pelas fábricas e lojas.

Ouvia um programa às dez da noite sobre histórias de fantasmas, almas penadas, em seu rádio modelo capela, num volume alto e cheio de ruídos. Eu dormia sozinha num dos quartos e não fechava a porta, por medo e curiosidade. Ouvia sons de correntes se arrastando, portão de cemitério se abrindo, coisas de arrepiar os cabelos na minha idade.

O neurocientista Iván Izquierdo afirma que guardamos na memória fatos acompanhados de forte carga emocional, sejam alegres ou tristes, os mais marcantes e significativos.

Houve coisas boas em minha vida com minha avó: era a sua “contadora”: registrava no grande caderno capa dura os nomes das freguesas e fazia a lápis ou de cabeça as contas: tantos metros de tecido a tantos cruzeiros o metro, ou a freguesa devia tanto, deu por conta e comprou mais, quanto deve?

Até hoje tenho uma boa memória para números, faço contas rapidamente de cabeça, decompondo em frações; devo isso à avó Luiza.

Outra: a única coisa que resistiu e não vendeu, apesar das ofertas, foi a minha bicicleta inglesa, presente de minha mãe. Ficou pendurada por muitos anos na despensa até ser enviada para São Paulo.



Voltei a usá-la, e quando vou ao parque fazer ginástica e curtir a natureza, chego em casa mais leve. De vez em quando, ouço: “Oi tia, linda bike, hein?”. Ou: “Olha, a minha tia tinha uma igualzinha!”. Agradeço à avó Luiza, que tinha o seu jeito próprio de amar, um amor rude, possessivo, intransigente, mas era o que sabia e podia dar.

Lembro-me que dizia ter chegado ao Brasil no navio “Princesa Mafalda”, com nove anos de idade, vinda de Mantova (Itália), e que ajudava a descascar batatas na Pensão dos Imigrantes, no Brás. Dali seguiu de trem com a família para as lavouras de café do Estado.

Ao retornar a São Paulo fui morar com minha mãe, e minha avó vinha, de vez em quando, nos visitar. Quando ficou doente, veio morar com minha mãe. Eu já era casada.



Hoje sou avó, e quando minha netinha adormece em meu colo, eu sinto uma profunda ternura e uma paz indizível. A minha avó não me deu colo, nem carinhos, presentes, mas teve um mérito extraordinário: deu acolhida num momento difícil de minha vida.

Quando olho para esse passado distante que parece ter se arrastado, eu me descubro vendo com novos olhos, ressignificando cada fato, preso a imagens, ideias, valores e

peças com as quais convivi, confirmando o pensamento de Maurice Halbwachs, de que a memória é sempre vinculada a um sentimento de pertencimento.

Conheci muitos idosos em meu trabalho com Gerontologia e conversei com muitas mulheres, algumas italianas; cheguei a encontrar uma de Mantova, que me ensinou a fazer molho de tomate. Procurei nelas o rosto e o jeito dela, mas minha avó era única, ímpar, uma italiana às avessas!

Data de recebimento: 11/11/2012; Data de aceite: 08/04/2013.

Lucia Medina Pupo - Assistente social. Mestrados em Serviço Social e Gerontologia pela PUC-SP. Especialista em Gerontologia (HSPM/SP). Coordenadora geral de um Centro de Convivência (ONG) em São Paulo, pelo período de seis anos. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas da Memória GEM/NEPE PUC-SP. Atualmente é multiplicadora das Oficinas de Memória Autobiográfica em grupos de idosos. Email: lucia.medina1@gmail.com